
ENTRE CONSCIÊNCIAS E MOVIMENTAÇÕES NEGRAS:
trançando combinados de não morrer

BETWEEN CONSCIENCES AND BLACK MOVEMENTS:
braiding combined not to die

ENTRE CONCIENCIAS Y MOVIMIENTOS NEGROS:
trenzado combinado para no morir

Beatriz Gomes Cornélio

Mestra em Educação pela Universidade Federal de Viçosa - gomec.beatriz@gmail.com

Matheus Silva Freitas

Mestrando em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais - freitassmat@gmail.com.

Recebido em: 12/11/2020

Aceito para publicação: 25/01/2021

Resumo

Este artigo busca trançar as experiências da Semana da Consciência Negra de Viçosa/MG ocorrida em 2019, enquanto mobilizadoras de estratégias de sobrevivência e fortalecimento da população negra. Mobilizamos a trança como método de pensamento e escrita para refletir as consciências e movimentações negras enquanto mechas que trançam combinados de não morrer frente ao racismo e à violência racial. Presenças negras na universidade, expressões artísticas e empreendedoras e a Marcha da Consciência Negra, um protesto de rua, firmam-se como um trançado de combinados de não morrer, frase do conto “A gente combinamos de não morrer”, da escritora Conceição Evaristo, que nos guiou na inspiração e composição tanto da Semana da Consciência Negra, quanto do presente artigo.

Palavras-chave: Consciência negra. Combinamos de não morrer. Movimento negro.

Abstract

This article seeks to braid the experiences of the Black Awareness Week in Viçosa / MG that took place in 2019, while mobilizing strategies for survival and strengthening the black population. We mobilize the braid as a method of thinking and writing to reflect black consciences and movements as strands that braid combined not to die in the face of racism and racial violence. Black presences at the university, artistic and entrepreneurial expressions and the March of Black Consciousness, a street protest, establish themselves as a twist of combinations of not dying, phrase from the short story “We combine not to die”, by the writer Conceição Evaristo, that guided us in the inspiration and composition of both Black Awareness Week and this article.

Key-words: Black consciousness. We agreed not to die. Black movement.

Resumen

Este artículo busca tejer las experiencias de la Semana de la Conciencia Negra en Viçosa / MG que tuvo lugar en 2019, al tiempo que moviliza estrategias de supervivencia y fortalecimiento de la población negra. Movilizamos la trenza como método de pensar y escribir para reflejar las conciencias y movimientos negros como hebras que se combinan para no morir ante el racismo y la violencia racial. Presencias negras en la universidad, expresiones artísticas y empresariales y la Marcha de la Conciencia Negra, una protesta callejera, se establecen como un giro de combinaciones de no morir, frase del cuento “Combinamos para no morir”, del escritor Conceição Evaristo, que nos guió en la inspiración y composición tanto de la Semana de la Conciencia Negra como de este artículo.

Palabras clave: Conciencia negra. Combinamos para no morir. Movimiento negro.

Introdução: desembaraçando os fios e juntando as mechas

Este artigo tem como proposta trançar os eixos da construção e realização da Semana e Marcha da Consciência Negra de Viçosa, realizadas no ano de 2019. Consideramos que este evento mobilizou experimentações e vivências particulares e coletivas, além de despertar reflexões e a necessidade de registro. Desta forma, temos como objetivo trançar as atividades desenvolvidas ao longo do evento, refletindo como estas expressam o protagonismo das movimentações negras por meio das ações relativas ao 20 de Novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, que constituem estratégias de fortalecimento coletivo e de combinados de não morrer.

Viçosa é uma cidade médio-universitária, localizada na Zona da Mata Mineira, interior do estado de Minas Gerais. A Semana e a Marcha da Consciência Negra são organizadas pelos movimentos negros da cidade, a constar Associação de Capoeira Guerreiros de Zumbi (ACGZ)¹, União de Negros Pela Igualdade (UNEGRO - Subseção Viçosa)² e Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB Viçosa)³ e com o apoio da Câmara e Prefeitura Municipal de Viçosa e da Universidade Federal de Viçosa (UFV). No ano de 2019, novas parcerias se aproximaram da construção, como a Seção Sindical dos Docentes da UFV (ASPUV), Slam Akewí⁴, Agunje Comida Afetiva⁵ e Mostra de Arte Preta⁶.

Em cada edição são escolhidas temáticas específicas e figuras nacional e localmente expressivas dentro dos movimentos negros para serem homenageadas durante o evento. Com o tema “Combinamos de não morrer”, a Semana da Consciência Negra de 2019 contou com quatro dias de programação com lançamento de livros e conversa com autoras/es negras/os, encontro dos Movimentos Negros de Viçosa, Cine-debate sobre Afrofuturismo, rodas de

¹ Fundada em 1982, a ACGZ trabalha capoeira e maculelê com crianças e adultos de várias localidades de Viçosa, tem à sua frente os Mestres Garnizé e Lau.

² Unegro é uma entidade nacional do movimento negro fundada em 1988. Desde o início dos anos 2000 tem representação em Viçosa, através da jornalista Teresinha Ferreira.

³ O NEAB Viçosa é um coletivo com sede na UFV, fundado em 2011, com atuação no combate ao racismo e valorização da cultura negra no campo educacional. Maiores informações: <https://www.facebook.com/NeabVicosaMG>. Acesso em: 01 fev. 2021.

⁴ Criado em 2017 em Viçosa, o projeto realiza batalhas de poesia falada nas ruas e nas escolas. Maiores informações: <https://www.instagram.com/slamakewi/>. Acesso em: 01 fev. 2021.

⁵ É um restaurante de comida caseira e vegetariana da cozinheira chefe Carla Rosa. Maiores informações em: <https://www.instagram.com/agunjecomidaafetiva/>. Acesso em: 01 fev. 2021.

⁶ Mostra de Arte Preta é um projeto criado em 2016 por estudantes negros/as do curso de Dança da UFV. Anualmente realizam uma mostra de arte com protagonismo negro. Maiores informações em: <https://www.instagram.com/artepreta.m/>. Acesso em: 01 fev. 2021.

conversa sobre afroempreendedorismo e sobre as presenças/ausências negras na Universidade. A culminância se deu com a Marcha, que ocorreu no sábado dia 23 de novembro.



Imagem 1 - Cartaz de divulgação (Matheus Freitas, 2019)

O cartaz (Imagem 1) de divulgação trouxe uma colagem com duas crianças fotografadas pelo artista visual Prince Gyasi em Acra, capital de Gana, na costa atlântica da África Ocidental. Elas estão espelhadas, formando duas duplas de onde emergem folhas de espadas de São Jorge, uma planta protetora e resistente. Ao apontarem para o círculo amarelo, exibem luz e esperança. Nas extremidades do cartaz, pedras de búzios simbolizam a força ancestral-espiritual das religiosidades afro-brasileiras. A sobreposição de cores rosa-amarelo-azul ora relembra as múltiplas travessias e trânsitos da diáspora África-Américas, ora nos impulsiona a pensar um futuro negro vivível.

Vemos nas potencialidades e saberes tecidos durante a Semana da Consciência Negra, diversos fios e mechas que, trançados, formam um conjunto de combinados de não morrer historicamente pactuados e produzidos pelo povo negro, seja especificamente em Viçosa ou, de modo geral, no Brasil.

Justificamos nosso envolvimento com o referido evento por movimentarmos-nos seja em sua construção, ou presencialmente, enquanto equipe de apoio ou ministrantes. Observamos também a necessidade de celebrarmos o 20 de novembro, dia escolhido pelos

movimentos negros para ressaltarmos o protagonismo da luta emancipatória, tendo em vista a situação social da população negra no Brasil. Desejamos com este relato realizar um registro e, do mesmo modo, um tributo às movimentações negras da cidade de Viçosa, que celebram sua negritude, ao mesmo tempo que precisam se manter alerta contra o racismo que nos assola. Da mesma forma, consideramos pertinente realizar uma trança entre a programação e a temática do evento, onde nossos desejos convergem no interesse e necessidade de “combinarmos de não morrer”.

Utilizamos a trança como metáfora para um método de escrita e para pensar como esses combinados são estratégias e táticas de sobrevivência que se torcem e entrelaçam num objetivo comum. A inspiração surgiu durante as falas de duas trançistas participantes⁷ do evento quando relataram sobre como a trança remete à ancestralidade e identidade de negras e negros. Refletimos a partir disso o ato de trançar enquanto metáfora de vida para os movimentos negros que não agem sozinhos, mas se entrelaçam, se envolvem por meio de fios, mechas que conduzem a objetivos em comum.

Nilma Lino Gomes (2002, p. 50) nos informa que a manipulação do cabelo para a confecção de tranças é uma técnica corporal e um comportamento social conflituoso na construção da identidade negra e que “pode ser vista como continuidade de elementos culturais africanos ressignificados no Brasil”, sobretudo pelas mulheres como estratégia de enfrentar estereótipos raciais e explicitar um “estilo negro de pentear-se e adornar-se” (GOMES, 2002, p. 44).

Fios, mechas, cabelo. Desembaraço, penteio, separo. Manipulação dos dedos e das mãos, ágeis, precisos. Torções, mechas que se entrecruzam, torção de fora para o meio. Uma trança foi feita. Tranças também são penteados que protegem os fios. Depois são desmanchadas, para que novas tranças possam ser feitas com o mesmo cuidado.

Como mechas que vão compondo o ato de trançar pactos de não morrer, de sobreviver, de resistir, tomamos quatro eixos centrais que partem e se orientam de uma mesma cabeça: os movimentos negros; educação; arte e cultura; e empreendedorismo, que foram temáticas, proposições e acontecimentos que sustentaram a Semana da Consciência Negra de Viçosa em 2019.

⁷ Ao longo do texto, citamos algumas falas que foram ditas durante o evento de forma indireta e decidimos manter o anonimato.

Como fio condutor, nos inspiramos no conto “A gente combinamos de não morrer”, presente na obra “Olhos d'água”, da escritora Conceição Evaristo⁸ (2016). Este conto é narrado por três personagens, cujas vivências estão entrelaçadas pelo parentesco e afetividades: Dona Esterlinda, sua filha Bica e o genro Dorvi, companheiro de Bica. Ao longo do conto as três personagens relatam seus sentimentos, suas dores, aflições, esperanças, sonhos e impressões íntimas diante das situações vivenciadas, cercadas principalmente pela violência e morte. A frase que dá título ao conto se remete ao trato feito entre Dorvi e seus companheiros em meio a um tiroteio. Ela nos serviu também de inspiração para que, em meio às diversas formas de violências a que nossos corpos estão expostos e sujeitos, também fazemos o tratado mútuo de não morrer e não nos deixarmos sermos mortos/as. Trechos desse conto acompanham os subtítulos da maioria das seções do nosso texto-trança.

“Eles combinaram de nos matar...”

“Escopetas, como facas afiadas, brincam tatuagens, cravam fendas na nossa tão esburacada vida. Balas cortam e recortam o corpo da noite. Mais um corpo tombou.” (EVARISTO, 2016, n.p.)

20 de novembro de 1695: Zumbi, um dos grandes líderes do Quilombo Palmares é capturado e morto pela tropa do bandeirante Domingos Jorge Velho, convocada para combater a “ameaça” à coroa portuguesa. A dita “afronta”, entretanto, representou uma das maiores mobilizações de resistência de escravizados e escravizadas em território brasileiro.

Ao contrário da ideologia da democracia racial que foi instaurada no imaginário social, as hierarquias raciais delimitam e estratificam as posições de privilégio. Castigos físicos, violência, estupro e subjugação foram alguns dos aspectos que caracterizaram o período de escravização, onde corpos negros, vistos como inferiores, eram marcados, violados e utilizados enquanto mercadoria. De acordo com Abdias Nascimento (1978, p. 57):

Proprietários e mercadores de escravos no Brasil, a despeito das várias alegações em contrário, em realidade submeteram seus escravos africanos ao tratamento mais cruel que se possa imaginar. Deformações físicas resultantes de excesso de trabalho

⁸ Nascida em Belo Horizonte (MG) em 1946, Conceição Evaristo é escritora de contos, poesias, romances e ensaios. Desde a década de 1970, radicada no Rio de Janeiro (RJ), graduou-se em Letras pela UFRJ. É mestre em Literatura Brasileira pela PUC Rio e doutora em Literatura Comparada pela UFF. Foi professora da educação básica na rede pública no Rio de Janeiro. Tem textos publicados em várias antologias. Algumas de suas principais obras são Ponciá Vicêncio (Mazza, 2003), Becos da Memória (Mazza, 2006) e Poemas da recordação e outros movimentos (Nandyala, 2008). Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

pesado; aleijões corporais conseqüentes de punições e torturas, às vezes de efeito mortal para o escravo - eis algumas das características básicas da "benevolência" brasileira para com a gente africana.

Mais de 300 anos se passaram desde o período relatado e a situação social do povo negro pouco mudou. A cor da pele define posições sociais, assim como quem deve viver ou morrer. Corpos negros são os alvos de um genocídio e com anuência do Estado e por isso, ainda é necessário resistir. Assim, o 20 de novembro tornou-se símbolo da resistência negra em um país que há séculos subjuga a parcela negra da população à situação social de degradação. Estamos posicionadas/os em território bélico, por este motivo, ainda não nos foi dada a opção de encerrarmos nossas lutas.

Nesta teia o afro-brasileiro se vê tolhido de todos os lados, prisioneiro de um círculo vicioso de discriminação - no emprego, na escola- e trancadas as oportunidades que permitiriam a ele melhorar suas condições de vida, sua moradia inclusive. Alegações de que esta estratificação é "não-racial" ou "puramente social e econômica" são slogans que se repetem e racionalizações basicamente racistas: pois a raça determina a posição social e econômica na sociedade brasileira (NASCIMENTO, 1978, p.85).

Em nossa sociedade, corpos negros são alvos de diversos dispositivos. Como morremos? Trazemos em nossa memória corporal a lembrança da Maafa⁹. Maafa que nunca se extinguiu e que só modificou as formas de acontecer. É morte matada e morte morrida. Morte da alma, morte da voz, do pensamento, das escritas, da presença. A invisibilidade mata. Senão de uma vez, aos poucos, doses homeopáticas, formas e artimanhas diversas. Artilharia pesada, chumbo grosso. Impedindo que cuidemos dos nossos meninos e meninas. Impedindo que cuidemos da gente. E é nesse emaranhado que nos encontramos, corpos sentenciados à morte, cujo argumento da acusação se baseia na cor da pele.

Abdias Nascimento recorre ao termo genocídio para caracterizar os processos e tentativas de destruição da população negra na sociedade brasileira em diferentes esferas, como na cultura, religião, arte, política e economia. Nas palavras de Paulo Ramos (2019, p. 93), “o foco do que Abdias considera um ‘genocídio’ está na representação social do negro”. Por outro lado, mais recentemente a ideia de genocídio da população negra é compreendida e denunciada pelos movimentos negros como um “sistema que concatena violência letal e

⁹ Maafa é uma palavra em Swahili, cujo significado é “o grande desastre” e designa o holocausto negro provocado pela escravização africana.

racismo” (RAMOS, 2019, p. 95) e que atinge, sobretudo, os jovens negros. “A morte brinca com balas nos dedos gatilhos dos meninos” (EVARISTO, 2016, n.p.).

Sabe-se que o Brasil é um país com altas taxas de homicídio. Contudo, essa violência é fortemente acentuada por clivagens de raça, classe e gênero. Conforme aponta o Atlas da Violência (2018), no Brasil “é como se, em relação à violência letal, negros e não negros vivessem em países completamente distintos” (CERQUEIRA et al, 2018, p. 40).

Em 2016, por exemplo, a taxa de homicídios de negros foi duas vezes e meia superior à de não negros (16,0% contra 40,2%). Em um período de uma década, entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios de negros cresceu 23,1%. No mesmo período, a taxa entre os não negros teve uma redução de 6,8%. Cabe também comentar que a taxa de homicídios de mulheres negras foi 71% superior à de mulheres não negras (CERQUEIRA et al, 2018, p. 40).

O Atlas ainda indica como a violência letal e as próprias políticas de segurança expressam desigualdades raciais, considerando que “os negros são também as principais vítimas da ação letal das polícias e o perfil predominante da população prisional do Brasil” (CERQUEIRA et al, 2018, p. 41).

Desta forma, entendemos e concordamos com Maria Aparecida Bento (2002), quando esta nos diz sobre os pactos narcísicos da branquitude na sociedade brasileira, uma complexa rede estabelecida para manter a hegemonia branca no poder. Essa rede se utiliza de mecanismos elaborados, contando, principalmente, com a anuência de instituições, ideologias e estrutura social racista.

Mas é também em meio a esses pactos da branquitude que nos movimentamos e criamos nossos pactos e potencialidades pela vida, pensando futuros possíveis onde possamos escrever e delinear nossas histórias e recontá-las para aquelas e aqueles que virão depois de nós. Nosso pacto pela vida é emergencial e também a longo prazo. Estamos, cada uma e um de nós, em meio a mechas de vidas que se entrelaçam e fortalecem um todo.

“A gente combinamos de não morrer”: movimentações e consciências negras

“Deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel.” (EVARISTO, 2016, n.p.)

Bica, ao refletir sobre o trato de viver do seu companheiro Dorvi, prevê outras possibilidades de viver que não a morte ou a crueldade. Grande parte das maneiras de não

morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel por e para a população negra, são pensadas e antecipadas pelas históricas lutas dos movimentos negros.

A trágica experiência da escravização de africanos/as trazidos/as forçadamente para o Brasil, ocasionou um complexo de opressão e desigualdades sistemáticas que acometem o povo negro ainda hoje, mesmo depois da abolição formal da escravização em 1888. Em função disso, a população negra historicamente se organiza, em um primeiro momento, contra a escravização e desde então, considerando a abolição, contra o racismo e as desigualdades raciais. Houveram uma diversidade de motins e rebeliões negras durante o período escravocrata, lutas no centro e na margem do sistema escravista como indica Sales Augusto dos Santos (2014), configurando, a título de exemplo, por um lado, afrouxos no trabalho e suicídios e, por outro, a formação de quilombos.

O processo de abolição da escravização constitui-se a partir do desenrolar de pressões sociais no sistema escravista que envolveu, principalmente, a resistência negra. Desde a independência do Brasil e a constituição de sua República em 1889, um ano após a abolição, confrontos são travados com a presença ativa de grupos negros. No estender da República, de 1889 até os anos 2000, ou seja, no século XX, grafaram-se diferentes movimentos em combate ao racismo e às desigualdades raciais (SANTOS, 2014). Segundo Gomes (2017, p. 23-24), o movimento negro é formado pelas:

[...] mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno da sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, culturais, religiosos e artísticos com o *objetivo explícito* de superação ao racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e das culturas negras no Brasil, de rompimento das barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares da sociedade.

Gomes (2017) assinala ainda que em suas lutas, o movimento negro é um educador, pois ele sistematiza e produz saberes emancipatórios que reeducam a população brasileira no sentido das relações étnico-raciais e propicia a constituição de políticas de promoção da igualdade étnico-racial. Se nós considerarmos, de acordo com Nascimento (1978, p. 93), que a “história não oficial do Brasil registra o longo e antigo genocídio que se vem perpetrando contra o afro-brasileiro”, podemos entender a conformação histórica do movimento negro como um dos principais combinados de não morrer trançados pela população negra. Nesse sentido, poderíamos dizer que, como um pedagogo emergente, o movimento negro grafa

maneiras “de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel” (EVARISTO, 2016, n.p.) em suas lutas em prol de direitos e na defesa das vidas negras.

Santos (2014, p. 93) assinala a força política dos movimentos sociais negros “ao forjarem os seus heróis que a história oficial brasileira tentou negar ou silenciar”. O dia 20 de novembro como data da Consciência Negra foi evocada pelo Grupo Palmares, uma entidade do movimento negro de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 1971. Como conta um dos seus propositores, o poeta Oliveira Silveira (2003, p. 27), tratava-se de, através da data de morte de Zumbi, fazer uma referência ao Quilombo dos Palmares, “em contestação ao oficialismo do 13 de maio, abolição formal da escravatura”. Na aflição da falsa abolição, nos referenciamos de forma afirmativa em Palmares, símbolo da resistência negra-quilombola. “A iniciativa, as idéias e a prática do Vinte [de Novembro] se constituem criação inequivocamente negra, emergindo da própria comunidade negra e seguindo caminhos próprios, com suas próprias forças e fragilidades” (SILVEIRA, 2003, p. 35).

Além disso, chamamos atenção que o termo “Consciência Negra” carrega simbolismos, reflexões e subjetividades que podem contribuir para a efetivação de ações práticas de caráter coletivo. Como nos orienta Steve Biko (1990, p. 66, grifos nossos), Consciência Negra é “[...] a percepção pelo homem negro da sua necessidade de juntar forças com seus irmãos em torno da causa da sua atuação - a negritude de sua pele - e de *agir como um grupo, a fim de se libertarem das correntes que os prendem a uma servidão perpétua*” e que “*procura infundir na comunidade negra um novo orgulho de si mesma, de seus esforços, seus sistemas de valores, sua cultura, sua religião e sua maneira de ver a vida*”.

Nossas ações atuais são, então, uma extensão deste pacto pela vida, sobrevivência e de coletividade. O 20 de novembro é o ressoar das vozes silenciadas. Esses silêncios são agora pungentes, provocativos e ensurdecadores, pois negras e negros que se fazem presentes na luta antirracista impulsiona a emergência da memória viva de sua ancestralidade.

Ser negra/o na universidade: re-existir

“Gosto de escrever palavras inteiras, cortadas, compostas, frases, não frases. Gosto de ver as palavras plenas de sentido ou carregadas de vazio dependuradas no varal da linha. Palavras caídas, apanhadas, surgidas, inventadas na corda bamba da vida.” (EVARISTO, 2016, n.p.)

Dentre a gama de reivindicações engendradas e assumidas pelos movimentos negros, o acesso à educação representa uma das principais demandas. Ao mesmo tempo em que ao longo da história observamos iniciativas individuais e coletivas protagonizadas por sujeitos negros para suplantar essa defasagem (vide as experiências de entidades negras principalmente ao longo do século XX¹⁰ e mesmo no período escravagista¹¹), os movimentos também buscaram mobilizar constantes intervenções do Estado por meio de políticas públicas educacionais. Neste sentido, destacamos a aprovação da Lei 10.639/03, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura africana e afro-brasileira na educação básica, posteriormente modificada para 11.645/08, onde foi incluída a História e Cultura indígena, e a Lei 12.711/12, que tornou obrigatória a reserva de vagas para estudantes negros, indígenas e por meio de uma alteração da lei, também de pessoas com deficiência no ensino superior.

Ambas as leis constituíram marcos em termos de políticas públicas, onde o Estado brasileiro, ao admitir a existência do racismo e de necessárias ações de combate à problemática, implementa a reserva de vagas para garantir o acesso, assim como conteúdos específicos no sentido de aprimorar os diálogos nas salas de aula. Elas alcançam desde a educação básica ao ensino superior, abrangendo assim todos os níveis de escolaridade, havendo a possibilidade de atravessar toda a trajetória escolar de gerações de estudantes. Isso pode impactar em mudanças no perfil discente e docente e no âmbito curricular, com abordagens positivas sobre as relações étnico-raciais, contribuindo para a construção de espaços educativos justos em relação às diferenças que constituem a sociedade, provocando reestruturações subjetivas no que tange às interações sociais entre sujeitos. As presenças negras podem ainda provocar mudanças de olhares e quebra de estereótipos sobre corpos e intelectualidades negras, onde suas presenças modificam e redimensionam aspectos importantes em espaços até então embranquecidos, elitistas e excludentes (GOMES, 2017).

Apesar de concordarmos que essas leis já possibilitaram acentuadas transformações nas instituições de ensino, o racismo ainda permanece nestes espaços e se operacionaliza de

¹⁰ Podemos citar, por exemplo, os cursos oferecidos pela Frente Negra Brasileira, pelo Teatro Experimental do Negro e as demandas pela educação engajadas pelo Movimento Negro Unificado (cf. SANTOS, 2014; GOMES, 2017).

¹¹ Uma das principais experiências pode ser encontrada na escola do Professor Pretextato dos Passos e Silva, “uma escola primária particular, desvinculada do aprendizado de ofícios específicos e urbana (na freguesia de Sacramento), destinada a atender meninos ‘pretos e pardos’ – cuja maioria dos pais não possuía sobrenome e nem assinatura própria –, criada em 1853 por um certo professor que se autodesignou ‘preto’” (SILVA, 2016, p.143).

diversas formas. E é neste sentido que durante a Semana da Consciência Negra propomos uma roda de conversa sobre as presenças e ausências negras nas universidades, uma vez ser esse o campo e espaço de estudos da maioria dos participantes do evento. A roda foi conduzida por duas então estudantes de Mestrado em Educação da UFV, cujas pesquisas correspondem à presença de mulheres na instituição, com seus atravessamentos de raça, e sobre a permanência de cotistas negros/as no campus Viçosa.

O diálogo transcorreu na tarde quente de uma sexta-feira, em uma sala previamente reservada de um dos prédios da instituição. Estiveram presentes estudantes e técnicos-administrativos negros/os e brancos/os. Dentre as abordagens constaram uma breve apresentação de ambas as pesquisas, aspectos relativos às políticas de ações afirmativas e problematização das notícias veiculadas tratando que, pela primeira vez na história, negros e negras (pretos e pardos) são maioria no ensino superior (Cf. IBGE, 2019). Assim, questionamos: onde estão e qual a situação da população negra na Universidade Federal de Viçosa?

Os e as participantes contribuíram com suas percepções sobre a problemática apresentada, constatando que, apesar das inquestionáveis mudanças no perfil discente, negros e negras ainda não são maioria nos cursos de graduação, principalmente nos de maior prestígio (Medicina, Engenharias, Direito, por exemplo). Essas transformações não impactaram significativamente o corpo docente e há acentuada presença de pessoas negras na UFV como funcionários, principalmente em cargos terceirizados.

Os diálogos também trouxeram à tona relatos pessoais de estudantes, em ocasiões nas quais sofreram perseguição do serviço de segurança do campus, ou de como a presença de seus e de outros corpos foram questionados naquele espaço enquanto discentes, seguido do espanto de pessoas brancas ao ouvirem a resposta de que são/eram alunos/as. Uma estudante, em particular, contou sobre quando seguranças do campus a abordaram enquanto andava de *skate* na universidade. O campus da UFV é um espaço aberto e utilizado pela população viçosense para praticar atividades de lazer como esportes, passeios, ponto de encontro para o público juvenil, sendo frequentemente usufruído por grupos de ciclistas e *skatistas*, por exemplo, principalmente aos finais de semana. Sendo assim, essa não é uma prática estranha, o que levou a estudante a interpretar o motivo da abordagem enquanto seleção racial, onde a

sua presença não condizia com o perfil de quem usualmente deveria estar naquele espaço e praticando aquele esporte.

O imaginário social naturalizou presenças e ausências que são definidas pela cor da pele, não só pela situação social. A ideologia racista definiu “lugar de preto” e “lugar de branco”. Mas a própria negritude se incumbiu de problematizar e ressignificar as tentativas de apagamento. Tentativas de apagamento de corpos negros também podem ser entendidos na perspectiva da morte. Morte das teorias, das contribuições, das construções e presenças. Fingir que não se vê, que não existe. Se não há negros nas universidades, qual a necessidade de preocupar-se em tratar suas histórias e de respeitar e aceitar seus corpos neste espaço? Para quê estudar suas histórias e contribuições? Para que precisamos praticar o exercício da alteridade, compreensão das relações raciais ou sobre o racismo?

Corpos, palavras e imagens negras em movimento artístico

“Entre Dorvi e os companheiros dele havia o pacto de não morrer. Eu sei que não morrer, nem sempre é viver. Deve haver outros caminhos, saídas mais amenas. Meu filho dorme. Lá fora a sonata seca continua explodindo balas. Neste momento, corpos caídos no chão, devem estar esvaindo em sangue. Eu aqui escrevo e relembro um verso que li um dia. “Escrever é uma maneira de sangrar”. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito...”
(EVARISTO, 2016, n.p.)

A Semana foi aberta com uma performance de dança por um grupo de estudantes negras do curso de Dança da UFV, mobilizadas no convite para a Mostra de Arte Preta. A performance era composta de bailarinas que, em coreografias distintas, expressavam corporeidades e danças brasileiras e afro-brasileiras. Espalharam sementes pelo espaço e encaminharam para a performance “Benza Deus”, com o artista Luis Fernando Coelho que interpretava uma benzedeira em suas rezas e benzeções.

O auditório onde ocorreu essa atividade estava decorado com tecidos floridos, fitas coloridas, bandeiras, peneiras. Um ambiente acolhedor e carregado de referências, como as folhas de espadas de São Jorge. A iluminação de luzes baixas e amarelas com algumas velas acesas. As chamas das velas além de iluminarem, perfumavam o ambiente junto aos incensos acendidos, pois, como nos diz Allan da Rosa (2013, p. 89-90), qualquer que seja, o “perfume é volúvel, volátil, voador [...] se intromete, se mistura, se incorpora. O perfume, a fragrância, o defumador são frequentes na cultura afro-brasileira, evocados por sua força de descarrego”.



Imagem 2 e 3 - Abertura da Semana da Consciência Negra. Fotos por Seção Sindical de Docentes da UFV.
Disponível em: <https://www.facebook.com/aspuv/posts/2553307398051666>. Acesso em: 11 nov. 2020.

Os corpos dançantes negros em movimento abriram a atividade “Escrevivências Negras: palavras, versos e experiências”, uma conversa com escritores/as negros/as e lançamento de livros. Escrevivência é o modo como Conceição Evaristo desvela “a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo” (ITAÚ CULTURAL, 2017).

Palavras negras em movimento. Uma das escritoras contando suas motivações para a escrita disse que “escreve para não morrer”. O nascedouro de sua escrita está imerso em uma condição de viver, ou melhor, de sobreviver. São muitas ausências, dores, mortes, resistências. A escrita parece ser uma tentativa de resolvê-las. “Por que escrevo?/ Porque eu tenho de/ Porque minha voz,/ em todos os seus dialetos,/ tem sido calada por muito tempo (Jacob Sam-La Rose)”. Grada Kilomba inicia o seu livro com esse poema, que segundo ela evoca “uma longa história de silêncio imposto. Uma história de vozes torturadas” (KILOMBA, 2019, p. 27).

Por sua vez, Conceição Evaristo ao refletir acerca dos lugares de nascimento de sua escrita, questiona o motivo de determinadas mulheres com origem em ambiente não letrados empreenderem neste ato e evoca que “escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo” e no caso das mulheres negras, trata-se de um gesto de insubordinação (EVARISTO, 2012).

Naquela noite, a fala da escritora reverberou em sentimentos de espanto e cumplicidade entre quem estava presente, como se fosse um aprendizado: escrever para não

morrer. A noite terminou com uma grande roda, onde aos poucos, outras pessoas presentes foram declamando poemas.

Outra linguagem artística presente durante a programação da Semana foi o cinema. A exibição de dois curtas-metragens afrofuturistas conduziu a um debate mediado por dois estudantes do curso de Ciências Sociais da UFV. O Afrofuturismo, de acordo com Kênia Freitas e José Messias (2018, p. 405), pode ser entendido como um conjunto de “criações artísticas que exploram futuros possíveis para as populações negras por meio da ficção especulativa”. Os curtas exibidos foram “Rapsódia Para o Homem Negro” de 2015, gravado em Minas Gerais, Brasil, com direção de Gabriel Martins, e “Pumzi” dirigido por Wanuri Kahiu, do Quênia, lançado em 2009. Enquanto o primeiro projeta um enredo conflituoso de morte em uma ocupação urbana perpetrado por referenciais negro-africanos religiosos e ancestrais, o segundo, Pumzi, explora uma narrativa distópica envolvendo sonhos, ciência e extermínio.

O debate após a exibição dos filmes, costurado por uma explicação inicial sobre Afrofuturismo, encaminhou-se a pensar as relações entre passado e futuro sob ótica negra. Estética, violência, passado-presente-futuro foram temas que circularam no debate que alinhavou as principais características das narrativas afrofuturistas das e para as populações negras na África e em diáspora. As narrativas imagéticas negras em movimento permitiram extrapolar o plano vivencial e presente, e imaginar como seríamos futuramente, considerando a experiência passada negra de opressões e resistências sistemáticas.

A presença artística, seja em dança, literatura ou cinema, durante toda a Semana nos leva a pensar, junto com Rosa (2013, p. 44), nos/as artistas e pensadores/as negros/as como potências e forças afrodescendentes, existências que proporcionam adventos pois suas “energias e ensinamentos equilibra esperança e abre caminhos”. O autor considera que estes, em sua conjugação de intelectuais e artistas, são em um só modo “representante pensante, emissor de significados e de valores políticos e pedagógicos” (ROSA, 2013, p. 46).

As diversas expressões artísticas negras exprimem-se em combinados de não morrer. Passar para o papel, com a tinta da caneta, ou para a voz, com a saliva, vivências e experiências dolorosas, são estratégias de sobre-vivência. Para não morrer é preciso gritar. E esse gritar em forma de ne-grito acontece de muitas formas. Pelo movimento corpo-dançante,

pela escrevivência, pela produção fílmica, pela encenação, ou ainda, por planejar de forma fictícia futuros possíveis para a população negra, como o Afrofuturismo prescreve.

Afro-Empreendedorismo: fortalecimento econômico e geracional

“Hoje, me lembro que exatamente hoje, há cinco anos, meu filho desceu o morro e caiu. Idago era tão bonito! Podia trabalhar na televisão, feito aquele negro que é ator. Podia ser cantor também. Tinha o dom. Cantava e assobiava tão bem quando era menino.” (EVARISTO, 2016, n.p.)

De acordo com artigo do site Alma Preta, agência de jornalismo sobre e para negros/as, uma pesquisa divulgada pelo Instituto Locomotiva sobre o salário da população negra e branca com ensino superior revela que, em 2019, brancos recebiam cerca de 31% a mais que negros (FREIRE, 2020). O artigo ainda trouxe dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do ano de 2019, que informou que as diferenças salariais chegam a 70% quando o assunto são mulheres negras em relação a homens brancos.

Diante dos dados e das experiências cotidianas, nos deparamos com duas possibilidades: que negras e negros não se esforçam o suficiente e não estão preparadas/os para encarar o competitivismo capitalista, ou que o fator racial está intimamente relacionado com a valoração no mercado de trabalho. A primeira questão remeteria a uma circunstância social onde a meritocracia fosse real, pressupondo um contexto de igualdade de oportunidades onde todas as pessoas tivessem as mesmas condições materiais e simbólicas para concorrerem umas com as outras por melhores empregos e condições sociais. Sabemos, porém, que não é este o modelo social do qual partilhamos e que são justamente as diferenças que delineiam privilégios e marginalizam sujeitos. Desta forma, nos inclinamos para a segunda via para basearmos nossas argumentações, de que o racismo estrutura as condições de vida da população brasileira. Para Silvio Almeida (2019, p. 22, grifos do autor):

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.

A emergência das práticas discriminatórias nos setores econômicos perpassa, como nos informa Bento (2002), as avaliações subjetivas pelas quais os e as empregadas passam nas empresas, por exemplo. A autora afirma que há uma tendência de manutenção de privilégios que, consciente e/ou inconscientemente, tendem à contínua prática de

favorecimento dos pares brancos, constituindo assim um pacto narcísico da branquitude. Este pacto se mantém por quem pratica a violência, pois se dela beneficia concreta ou simbolicamente. De acordo com a autora, este é um dos aspectos do racismo institucional.

A discriminação institucional é aquela que ocorre independentemente do fato de a pessoa ter ou não preconceito aberto ou intenção de discriminar. O conceito se forma a partir da idéia de que o racismo subjacente aos comportamentos individuais, coletivos ou institucionais, faz parte da lógica das sociedades racistas, nas quais comportamentos aparentemente livres de preconceitos podem gerar conseqüências negativas para os membros de grupos sociais discriminados (BENTO, 2002, p.12).

Fazendo frente à essa problemática, atualmente vemos um crescente de grupos e movimentos produzidos por negras e negros numa tentativa de suplantar o racismo dentro do mercado de trabalho e fortalecendo o chamado *afroempreendedorismo*, empreendedorismo feito por e para pessoas negras. Um exemplo é o Movimento Black Money, que, segundo o *site* do movimento, tem como um dos pilares criar e fortalecer associações entre empreendedores negras/os com a comunidade negra, a fim de fortalecer e impactar o afroconsumo e a qualidade de vida da população negra em uma perspectiva panafricanista.

Inspirados/as nesses possíveis diálogos e aproximações, propomos a realização da roda de conversa sobre afroempreendedorismo. Ela contou com a participação de duas trancistas, duas jovens criadoras de um brechó online, uma bordadeira, um *personal trainer* e um dono de grife de roupas e acessórios com temática afro-brasileira e africana. Ocorreu numa noite chuvosa, mas que não afetou os ânimos de interessados/as no evento. Este espaço teve como foco os diálogos e as histórias de vida de negras e negros de diferentes idades que desenvolveram seus próprios negócios, muitas vezes partindo de saberes intergeracionais e que lhes foram passados por mães e avós.

Ouvimos histórias como da trancista que nos contou sobre quando era criança, ao brincar com os “cabelos” de uma espiga de milho, realizava movimentos com seus dedos por entre os fios, em seguida mostrando o resultado do penteado para a sua mãe. Esta perguntou quem lhe havia ensinado aquilo e diante da resposta da filha de que aprendera sozinha, a mãe responde: “você fez uma trança”. Neste momento, a trancista nos conta sobre como o ato de trançar aciona saberes ancestrais e podemos ainda conjecturar que estes se manifestam por meio de memórias corporais e afetivas de tempos longínquos, mas que estão guardados e repassados por entre as gerações.

Além dos temas supracitados e que foram trazidos pelas e pelos palestrantes, outros surgiram por intervenção do público, onde emergiram falas sobre o mercado de maquiagens e espaços de beleza que atendam as especificidades da pele e cabelo de pessoas negras. Outra questão trazida, foi a da representatividade em concordância com a frase “se não me vejo, não consumo”. As e os palestrantes argumentaram sobre a dificuldade de se verem representados nos produtos para cabelo, nas propagandas, dentre outros produtos que consomem diariamente.

Este foi um espaço rico, onde as/os participantes puderam, além de tudo, trocar conversas e levar seus produtos para a comercialização, o que foi bem recebido inclusive para os e as ouvintes, que puderam conhecer afroempreendimentos da cidade e construir possíveis redes de comércio. Os e as palestrantes ficaram ainda muito tempo conversando, transferindo a roda de conversa para um pós-evento. Uma das principais conclusões deste espaço é a de que a população negra consome, mas não se vê representada no e pelo mercado. Desta forma, precisa se reorganizar e criar suas próprias possibilidades, produzindo por e para pretos e pretas.

Marcha da Consciência Negra: uma trançagem negra de cultura e poder

“O espírito do Vinte [de Novembro] é negro, popular e se aninha junto à família negra: homem negro, mulher negra, criança negra. Continuidade étnico-racial com identidade cultural negra e poder político. Uma fórmula, três princípios. No espírito do Vinte. Raça, cultura, poder – em três palavras.” (SILVEIRA, 2003, p. 47)

Em Viçosa, vemos que o desejo anual é de um 20 de novembro como espaço de celebração, denúncia e culminância de enfrentamentos diários. De recarregar energias, visibilizar pautas, conquistar direitos e de alinhar às lutas mais regionais, nacionais e internacionais. São as entidades do movimento negro de Viçosa, notadamente o NEAB Viçosa, a Seção Local da UNEGRO e a Associação de Capoeira Guerreiros de Zumbi que, em articulação com outros grupos e ativistas que historicamente realizam de forma coletiva as Semanas da Consciência Negra que culminam na Marcha da Consciência Negra em alusão ao dia 20 de novembro.

Como conta Luís Carlos Vitor, mais conhecido como Mestre Garnizé, a concepção da Marcha se deu do encontro do seu grupo de capoeira com militantes negros (VIII MARCHA DA CONSCIÊNCIA NEGRA DE VIÇOSA, 2016). Em 1995 foi realizada a primeira Marcha na cidade, ano que se completava o tricentenário de Zumbi dos Palmares, quando também

ocorreu a “Marcha Zumbi dos Palmares contra o racismo, pela cidadania e a vida” realizada no dia 20 de novembro, em Brasília (DF), com a presença de mais de 30 mil pessoas, considerada um divisor de águas da luta antirracista no Brasil, como destaca Santos (2014). De 1995 a 2009, isto é, no período de 14 anos, em Viçosa a Marcha foi realizada de forma intermitente. De acordo com o Mestre Garnizé, é em 2009, com a criação do Centro de Referência da Cultura Afro-Brasileira na UFV, que a Marcha se encorpa. Então, embora relatamos aqui sobre a 11ª Marcha da Consciência Negra de Viçosa realizada em 2019, ela não é realizada há 11 anos, mas aproximadamente há 25 anos.

Na manhã ensolarada do sábado dia 23 de novembro de 2019, a Marcha se fez nas principais ruas do Centro de Viçosa. A escolha desta data se deu pela maioria das e dos participantes trabalharem durante a semana (já que o dia 20 de novembro foi em uma quarta-feira) e não seriam liberados em seus respectivos empregos para participarem da Marcha, o que comprometeria suas participações.

Em um cortejo a Marcha se fez, com crianças, jovens e adultos carregando cartazes e estandartes, bandeiras de orixás, como Oxum, de guerreiros como Zumbi e Dandara dos Palmares, e de lutadoras negras que foram assassinadas mais recentemente como Marielle Franco. À frente, aprendizes seguiam mestres de alguns grupos de capoeira com seus berimbaus e pandeiros, uma Mãe de Santo com suas guias, congadeiros e congadeiras com caixas, violas e fitas.



Imagem 4 - XI Marcha da Consciência Negra em Viçosa 2019. Fonte: arquivo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB Viçosa).

Se, no cotidiano ao circularmos pelas principais ruas do Centro da cidade nossos corpos negros instauram medo e perigo aos olhos da branquitude, no momento da Marcha instauramos denúncia e afirmação. Se no dia-a-dia, vivemos em uma sensação de vigilância e controle constante, dos olhares dos outros e de nós mesmos devido ao racismo, a Marcha emerge como resposta, contestação e contra-ataque. Essa relação com o centro urbano que envolve tanto opressão quanto resistências e reexistências, pode ser pensado junto às considerações de Nilma Lino Gomes e Ana Amélia Laborne (2018, p. 14) quando se referem às “pedagogias” da crueldade que incidem no extermínio da juventude negra.

A adolescência e a juventude negra e pobres, faveladas, com a sua cor, suas roupas, sua linguagem, seu destemor, sua possibilidade de circulação no espaço urbano (mesmo com as insistentes tentativas de segregação racial nos territórios) se configuram nessa produção histórica da branquitude e do medo como coletivos ameaçadores. Esses mesmos coletivos confrontam corajosamente a violência.

A Marcha é esse confronto corajoso à violência racial e ao racismo. A maioria das pessoas carregavam junto de si, vestidas em seus corpos, elementos e signos ligados à luta antirracista e à cultura afro-brasileira. Cabelos em muitos matizes e penteados, *black powers*, trançados, em turbantes. Peles pretas em diferentes tonalidades cruzadas por pulseiras, colares, búzios, tecidos. Compomos uma “narrativa estética” que, de longe, damos nosso recado. De acordo com Amilcar Pereira e Thayara Lima (2019, p. 23) essa narrativa estética e corporal é “extremamente potente do ponto de vista da reeducação das relações raciais, por ser capaz de desfilar um discurso sem necessariamente acioná-lo oralmente. Um discurso carregado de cultura de luta antirracista e que, por isso, vai afetando os sujeitos com seus códigos”.

Com folhas de espadas de São Jorge na mão, empunhadas para cima, cruzamos esquinas e praças centrais da cidade. Entre ladainhas e jogos de capoeira, rezas e danças do congado e gritos efusivos de “Povo Negro unido é Povo Negro Forte” e “Eles combinaram de nos matar, mas a gente combinamos de não morrer”, a Marcha segue seu caminho. Carrega olhares curiosos, mira faces incomodadas e se fortifica com expressões engajadas. Na porta da Câmara Municipal ocorreu a leitura em voz alta da Carta Política da Marcha. Carta que fora distribuída, junto ao Cancioneiro de músicas e palavras de ordem, por todo o percurso. A

Carta é uma versão atualizada de Marchas anteriores – nossas reivindicações e denúncias persistem, pois, as problemáticas continuam se re-produzindo.

A Marcha prossegue ainda mais pelas ruas e adentra a Praça da Rua dos Passos, onde havia um caminhão-palco montado, tal como são as festas e eventos em cidades do interior. Houve nesse momento falas de dois líderes afro-religiosos que rezaram e cantaram, além dos/as militantes que compuseram a organização da Marcha. Logo em seguida ocorreram breves homenagens a pessoas negras da cidade. Já se passavam das 13 horas quando finalizadas as falas e homenagens, foi servido um almoço para todas as pessoas presentes e, como de tradição de outras marchas, o prato foi feijoada. O samba tomou o ar da praça, que estava enfeitada de fitas e bandeiras. Um dia celebrativo que terminou com fortes rajadas de chuva, molhando o chão da luta e soprando ventos de esperança.

A Marcha da Consciência Negra de Viçosa¹² é um bom exemplo das lutas dos movimentos negros. Um espaço de afirmação pública do acordo tácito de não morrer. Movimento e protesto de rua que adensa e fortifica esse combinado de forma afirmativa e festiva. A Marcha da Consciência Negra, uma performance que nos diz, com corpos e pés fincados na realidade, com olhos para o passado e para o futuro que, para a população negra, deve haver maneiras de não morrer tão cedo ou de viver uma vida menos cruel, como diz Conceição Evaristo (2016).

Amarrações finais

“Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro.” (EVARISTO, 2016, n.p.)

Por experienciarmos artimanhas genocidas, crueldades e desigualdades, por sermos enquadrados nas farras lógicas do racismo, os fios que acabamos de entretecer cruzam firmes combinados de não morreremos. Fundamentamos resistências e reexistências através das lutas dos movimentos negros, nos movendo de forma conscientemente negra, seja nos campos da educação formal, das artes, do empreendedorismo ou nas ruas da cidade nas nossas Marchas.

Com a construção e realização da Semana e Marcha da Consciência Negra, rejeitamos o local da outridade sujeitado pela branquitude e assumimos afrocentricidade para a

¹² Assista um pequeno vídeo da Marcha de 2019, produzido pela Seção Sindical de Docentes da UFV (ASPUV), disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=H6nsfb4i98I>. Acesso em: 11 nov. 2020.

reconstrução de nossos espaços e protagonismo na sociedade. Ao mobilizarmos a ancestralidade da celebração da vida e não da lembrança da morte de Zumbi dos Palmares, exaltamos também os movimentos negros brasileiros que compuseram os caminhos para as trajetórias de negras e negros na atualidade. E isso não é diferente em Viçosa, onde, apesar de diferenças à parte, o interesse em comum na construção é mais forte. Nossa luta não é constituída apenas no presente. Ela é uma continuidade do que já foi e feita para que cheguemos ao momento em que ela não seja mais necessária.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs). **Psicologia social do racismo** – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58).

BIKO, Steve. **Escrevo o que eu quero**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

CERQUEIRA, Daniel, et al. **Atlas da violência 2018**. Rio de Janeiro: IPEA-FBSP, 2018

EVARISTO, Conceição. A gente combinamos de não morrer. In: **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016, n.p.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. **Blog Nossa Escrevivência**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Acesso em: 12 nov. 2020.

FREITAS, Kênia; MESSIAS, José. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente. **Revista Imagofagia**, v. 17, p. 402-424, 2018.

FREIRE, Simone. Racismo é causa da diferença salarial de 31% entre brancos e negros com ensino superior, diz pesquisa. **Alma Preta**, 2020. Disponível em: <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/racismo-e-causa-da-diferenca-salarial-de-31-entre-brancos-e-negros-com-ensino-superior-diz-pesquisa>. Acesso em: 11 nov. 2020.

GOMES, Nilma L. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma L.; LABORNE, Ana A. de P. Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 34, p. 1-26, 2018. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/pdf/edur/v34/1982-6621-edur-34-e197406.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, n.41, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 16 out. 2020.

ITAÚ CULTURAL. Escrivência. In: **Ocupação Conceição Evaristo**. São Paulo: Itau Cultural, 2017. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevencia/>. Acesso em: 11 nov. 2020.

KILOMBA. Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MOVIMENTO black money. Disponível em: <https://movimentoblackmoney.com.br/>. Acesso em: 10 out. 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PEREIRA, Amilcar A.; LIMA, Thayara C. S. de. Performance e Estética nas Lutas do Movimento Negro Brasileiro para Reeducação da Sociedade. **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 9, n. 4, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbep/v9n4/2237-2660-rbep-9-04-e91021.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2020.

RAMOS, Paulo C. Resenha de “O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado”, de Abdias Nascimento. **Conexão Política**, v. 8, n. 1, 93 – 95, jan./jun. 2019. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/conexaopolitica/article/view/939>>. Acesso em: 04 nov. 2020.

ROSA, Allan da. **Pedagogia, autonomia e mocambagem**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SANTOS, Sales Augusto dos. **Educação: um pensamento negro contemporâneo**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

SILVA, Adriana Maria Paulo da. A escola do professor Pretextato dos Passos e Silva: questões a respeito das práticas de escolarização no mundo escravista. In: FONSECA, Marcus Vinícius.Surya Aaronovich Pombo de, BARROS (orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016. p.141-162.



SILVEIRA, Oliveira. Vinte de Novembro: história e conteúdo. In: SILVA, Petronilha B. G.; SILVÉRIO, Valter R. (orgs.). **Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2003, p. 23-42.

VIII Marcha da Consciência Negra de Viçosa. **Chamada para VIII Marcha da Consciência Negra Viçosa 2016**. Viçosa: NEAB Viçosa, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/905662156231414/permalink/906118189519144/>. Acesso em: 12 nov. 2020.